REVISTA FILOTEOLÓGICA
REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

O conceito de supra sentido na logoterapia de Viktor Frankl: uma abertura à teologia cristã[1]

Tthe concept of the supra sense in Viktor Frankl's logoterapy: an opening to christian theology

Breno Silva Martins

Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (PUC/GO).

breno1686@gmail.com

http://lattes.cnpq.br/5153014249871464

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estabelecer uma aproximação entre a Logoterapia de Viktor Frankl e a religião. Assim, para tal tarefa, é mister entender aspectos gerais da Logoterapia, bem como o conceito de Supra Sentido no pensamento frankliano. Nesse caminho, a Logoterapia assinala para a Teologia e, ao mesmo tempo, aponta para seus próprios limites, indicando uma realidade maior que ela mesma, isto é, a realidade do Supra Sentido. Destarte, a religião, quando legítima, pode ocupar um papel interessante na busca do homem, não só por sentido em sua existência, mas por um Sentido que abarca todos os outros sentidos. A pessoa religiosa, desse modo, alcança a saúde da alma como um "efeito colateral" da vivência da fé, ou seja, buscando a sua salvação. Não se busca aqui uma submissão nem da Logoterapia e nem da Teologia, mas uma cooperação mútua de ambas as ciências para o bem do homem como um todo. Buscar entender essa valiosa relação entre Logoterapia e Teologia pode ser útil tanto para a atividade clínica, como para os diferentes horizontes de investigação a respeito do fenômeno religioso, pois compreender como "curar a alma humana" é, antes de tudo, o primeiro passo imediatamente antes de se querer "salvar a alma humana". Curar a alma e salvar a alma aqui se implicam e se exigem mutuamente.

1 Este artigo se apresenta como um dos resultados da pesquisa em nível de Iniciação Científica, na modalidade Voluntário, realizada entre 2020 e 2021, com o título "O sentido do sofrimento: diálogo entre logoterapia de Viktor Frankl e religião", sob o número de registro 20221, junto à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A pesquisa integrou o projeto "Religião e construções de sentido" e seguiu sob orientação do professor Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho.

Palavras-chave: Supra Sentido. Religião. Logoterapia. Fé. Frankl.

Abstract

This article aims to establish an approximation between Viktor Frankl's Logotherapy and religion. Thus, for this task, it is necessary to understand general aspects of Logotherapy, as well as the concept of Supra Sentido in Franklian thought. In this way, Logotherapy points to Theology and, at the same time, points to its own limits, indicating a reality greater than itself, that is, the reality of the Supra Sense. Thus, religion, when legitimate, can play an interesting role in man's search, not only for meaning in his existence, but for a Sense that encompasses all other senses. The religious person, in this way, achieves the health of the soul as a "side effect" of living the faith, that is, seeking his salvation. Here, we are not looking for a submission either from Logotherapy or from Theology, but a mutual cooperation of both sciences for the good of man as a whole. Seeking to understand this valuable relationship between Logotherapy and Theology can be useful both for clinical activity and for different horizons of investigation regarding the religious phenomenon, as understanding how to "cure the human soul" is, above all, the first step immediately before wanting to "save the human soul". Healing the soul and saving the soul here imply and require each other.

Keywords: Supra Sense. Religion. Logotherapy. Faith. Frankl.

Introdução

Crer em Deus significa ver que a vida tem um sentido.
Ludwig Wittgenstein

O presente artigo tem por tarefa perscrutar o pensamento de um dos autores mais significativos do século XX, Viktor Emil Frankl. Isso porque se norteará pelos termos "Religião" e "Sentido", ambos amplamente tratados pelo autor em seus livros e/ou preleções e palestras[2]. Certa vez, em uma entrevista, Frankl (1977) disse que "concordaria pessoalmente que é mais fácil encontrar *sentido* na vida se você for uma pessoa *religiosa*"[3]. Essa afirmação tornou-se a força motriz de seus escritos, servindo, outrossim, na investigação sobre um possível diálogo entre a Logoterapia e a Teologia/religião[4]. A saber, Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um importante psiquiatra, neurologista e doutor em Filosofia, sendo o fundador da terceira escola de psicoterapia de Viena, denominada "Logoterapia". Frankl foi também um sobrevivente dos campos de concentração nazistas

[2] Que, além da Logoterapia, notadamente encontra reverberação em diferentes outros enfoques, como, por exemplo, a literatura e as artes (cf. MARTINS FILHO; VELOSO, 2021), ou o próprio estudo da religião (cf. MARTINS FILHO; BONACCORSO, 2020).
[3] Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6LpO-xe3Guw>. Grifo nosso. *Man Alive* foi uma série de TV canadense sobre fé e espiritualidade em 1977.
[4] Embora se saiba que os termos "Teologia" e "religião" são semanticamente diferentes, durante todo o texto serão utilizados como sinônimos para designar um "mundo religioso e teológico, onde o acesso se dá por meio da fé e da revelação divina", tudo isso numa perspectiva cristã.

e, por tais experiências, seus escritos podem contribuir para uma releitura antropológica sobre o sentido da existência humana.

O logoterapeuta, que viveu durante quase todo o século XX, tornou-se um ícone da proposta "humanizadora" da então psicoterapia vigente. Ele aponta a insuficiência da psicanálise em alcançar o homem inteiro, haja vista sua abordagem objetiva e limitada. Para Frankl, o homem é mais que um "autômato psicanalítico". É, ao inverso, um organismo autônomo, isto é, um ser responsável diante da sua própria vida.

Posto isso, a proposta deste estudo é definir qual o nível de intersecção entre Logoterapia e Teologia, a fim de elucidar, na medida do possível, o sentido da existência humana. Para tal, é importante firmar o solo onde o diálogo acontecerá. Isso posto, o presente escrito não pretende se desenvolver como uma descrição sistemática da Logoterapia ou da Teologia, mas, condizentes com nosso atual momento investigativo, uma primeira aproximação ao corpo conceitual da área.

Além disso, também é preciso dizer que a proposta não busca uma leitura anacrônica ou forçada seja da Logoterapia ou da Teologia, vez que ambas poderiam se desfigurar ou perder suas identidades, especificidades, autonomias e vieses hermenêuticos próprios caso fossem tratadas fora de contexto. Haveria, portanto, a justificativa de uma aproximação com base naquilo que ambas as ciências permitem de maneira natural. Como o próprio Frankl disse numa oportunidade: "[...] a Logoterapia não quer cruzar fronteira entre psicoterapia e religião" (FRANKL, 2011, p. 178). Justamente nesse entremez tentaremos manter nossa incursão.

Quanto à justificativa do estudo empreendido, pode-se dizer que dois são os seus motivos fundamentais. O primeiro se direciona ao meio eclesial e às universidades e centros de estudo de cunho religioso, pois ter contato com o sistema de pensamento frankliano pode ser considerado como porta de entrada para uma saudável aproximação entre logoterapia e teologia. Sem dúvidas, é vital entender que ambas as ciências apontam para o mesmo ser humano e que, também, como se fará notar, por vezes coincidem quanto à possibilidade de levar o homem ao supra sentido, mesmo que trilhando caminhos diferentes. Sendo assim, a Logoterapia pode ter os meios para integrar o homem e torná-lo mais "humano", meios, aliás, que a Teologia pode não dispor. Ratificar os caminhos que a Logoterapia propõe ao homem pode ser útil para a Teologia e isso também parece ser um motivo justo para o estudo do pensamento de Viktor Frankl. Na verdade, a própria Igreja Católica Apostólica Romana, uma das maiores instituições religiosas do mundo, já incentiva recorrer as ciências humanas

dentro de suas propostas formativas, a fim de se obter uma maior integração das dimensões da pessoa (cf. OT, n. 3)[5].

O segundo motivo é que homem hodierno está passando por uma crise existencial avassaladora e isso se reflete em muitas realidades, marcadas pelo sofrimento. É possível citar aqui muitas realidades que atualmente mostram-se marcadas pela dor. Especialmente em se tratando dos "males espirituais" que nas últimas décadas têm se dissipado, como, por exemplo, a ansiedade, a depressão, a insegurança, a dificuldade de viver o luto - fenômenos que foram levados à última potência num contexto de pandemia. Como ênfase geral, ao longo do texto procuramos dar destaque para um comportamento que também ocupou as análises de Frankl no século passado, como segue: a realidade do suicídio.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a cada 40 segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo. No Brasil, esse fato ocorre a cada 46 segundos. Por ano, 12 mil pessoas tiram a própria vida no Brasil, sendo que a grande maioria é formada por jovens entre 10 e 29[6] anos[7]. De fato, se fala de uma realidade preocupante[8]. Com base em suas análises e experiência clínica, Frankl se debruçou sobre a questão do suicídio em seu tempo, concluindo que se tratava do resultado de "um grito não escutado por sentido". Sobre esse assunto, afirma:

> Numa universidade americana, 60 jovens, que haviam tentado suicídio, foram sucessivamente entrevistados e 85% deles afirmaram que a razão daquele gesto era que "a vida parecia vazia sentido". O fato mais importante é que 93% desses jovens estudantes que sofriam pela ausência de sentido para a vida "eram ativamente participantes no plano social, tinham boa situação acadêmica e tinham um bom relacionamento com todos os membros de suas famílias". O que temos neste caso, diria eu, é exatamente um grito não escutado por um sentido para a vida (FRANKL, 1989, p. 14).

Não se acredita que tal proposição e constatação empírica feitas por Frankl no século passado tenham ficado antiquadas. Ao contrário, parece se tratar de uma realidade latente e extremante atual. Diante disso, é possível questionar qual o motivo de os números de suicídio serem tão altos. O homem que viveu 13 anos em campos de concentração nazistas[9] e não tirou a própria vida sustenta que na

[5] Decreto Conciliar "Optatam Totius Sobre a Formação Sacerdotal".
[6] Aqui se considera o conceito "juventude" em sentido amplo e genérico, não específico conforme as mensurações da psicologia.
[7] Cf. Secretária de Saúde / Governo do Estado da Bahia: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-causa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/>.
[8] Émile Durkheim, no livro sobre "o Suicídio", fala de um tipo específico, o "suicídio anômico", isto é, pela falta de sentido. É a modalidade mais preocupante do ponto de vista da vida social e que, talvez, possa ser relacionada à percepção da falta de sentido destacada por Frankl (cf. DURKHEIM, 2000, p. 303)
[9] Indica-se a leitura de sua famosa obra "Em Busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração". Também da obra "O que não estava escrito nos meus livros".

base de tudo está "a frustação existencial da falta de sentido" (FRANKL, 2015, p. 72), pois quem sabe o porquê da própria vida, isto é, o sentido da própria existência, é capaz de suportar quase todo *como* (FRANKL, 1984, p. 48)[10]. Assim, ter a possibilidade de oferecer, junto da teologia, uma resposta aos anseios para o ser humano ante o sofrimento e a morte não é algo a se menosprezar, pelo que, uma vez mais, ressalta-se a oportunidade das reflexões que seguem.

Conquanto às fontes consultadas, utilizou-se, majoritariamente, a literatura do autor em voga e, a fim de tornar os conceitos mais claros, outros autores e comentadores. O método utilizado foi o hipotético dedutivo, a partir do levantamento do corpo teórico do pensamento de Viktor Frankl. Espera-se que a leitura do trabalho possa interrogar o leitor quanto ao sentido que *abarca todos os outros sentidos* das vivências do dia a dia, sentido esse que é chamado de *Supra Sentido* e que só pode ser acessado pela fé.

Desse modo, depois de assentar as bases de nossa proposta, pode-se, agora, fazer os apontamentos dos tópicos que seguem. No primeiro tópico, se falará dos três principais pressupostos teóricos da logoterapia, que são: Liberdade de Vontade, Vontade de Sentido e Sentido da Vida. Pensar como esses conceitos se relacionam dentro da estrutura antropológica tridimensional da pessoa também é um dos objetivos do tópico. No segundo momento, se abordará o conceito limite do *Supra Sentido* e da capacidade do homem de conhecê-lo. No terceiro tópico, enfim, se exporá as considerações acerca da Logoterapia frente à religião, bem como a abertura a um possível diálogo com a Teologia.

1 Bases gerais da Logoterapia[11]

Entender as bases da Logoterapia dentro do espectro mais amplo da psicoterapia é importante para se habituar à argumentação aqui realizada. Isso posto, a Logoterapia, a rigor e a partir da tradução literal do termo, refere-se à "terapia através do sentido" ou a "cura através do significado" (Cf. FRANKL, 1989, p. 13). De fato, a Logoterapia está centrada no sentido da existência humana e se interroga sobre o estado de vazio dos indivíduos, mesmo quando todas as suas neuroses já foram

[10] Frase de Nietsche que Frankl gosta muito: "Quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como" (FRANKL, 1984, p. 48). Também nesta linha, Frankl recorre várias vezes à passagem atribuída à Goethe que diz: "Não existe nenhuma situação que não possa ser enobrecida seja agindo, seja aceitando" (FRANKL, 2015, p. 74).

[11] É impossível expor todo o tratado da logoterapia em poucas páginas. Certamente, os conceitos levantados terão relevância ao longo do discurso, mas não significa que eles não poderiam ser tratados de outra maneira ou em ordem diferente.

'superadas'[12]. Assim, a proposta antropológica sob o viés da Logoterapia de Viktor Frankl parte de três pilares: a *Liberdade de Vontade*, *Vontade de Sentido* e *Sentido da Vida*. A seguir, serão abordados cada um desses conceitos, considerados como os alicerces de todo o sistema psicoterapêutico franklidiano.

O primeiro pressuposto teórico é o da *Liberdade de Vontade.* Na Logoterapia, ela é importante porque toma a realidade que deixará o homem aberto à ação no mundo em quaisquer circunstâncias. Com efeito, a ação autônoma da pessoa é preciosa à logoterapia. Desse modo, mesmo reconhecendo os determinismos presentes na existência humana, a saber, limitações biológicas, psicológicas e sociológicas, Frankl reafirma que esse mesmo homem não se vê dominado por essas condições que o afetam (FRANKL, 1989b, p. 119).

Na verdade, a realidade é inversa na Logoterapia, vez que o homem escolhe se cederá ou não aos condicionamentos, se se deixará condicionar pela realidade que o envolve ou não. Assim expressa o vianense:

> O homem não é subjugado pelas condições diante das quais se encontra. Ao contrário, são elas que estão submetidas às suas decisões. De maneira consciente ou sem se aperceber, ele decide se enfrentará uma situação ou se cederá a ela, se vai deixar-se ou não condicionar-se inteiramente por ela. [...] Todas as escolhas têm uma causa, mas esta última é causada por aquele que escolhe (FRANKL, 1989, p. 42).

Nesse ínterim, o pensamento do Logoterapeuta se alinha ao de Nicolai Hartmann[13], que elucida: "Autonomia apesar da dependência" (FRANKL, 2019, p. 145). Trata-se, porém, de uma liberdade finita e restrita, ou seja, não é uma autonomia absoluta (FRANKL 2011, p. 85), mas uma liberdade que é exercida em vista de uma responsabilidade diante da vida, diante das exigências reais e concretas da existência. O homem é livre para responder aos apelos da vida. Não é o homem quem interroga a vida. Ao contrário, ele é interrogado por ela, a fim de que sane sua *Vontade de Sentido*, pelo que se faz necessário também tratarmos esse segundo pressuposto teórico.

[12] No exemplo dos jovens que tentaram suicídio, citado anteriormente, 93% dos jovens estudantes que sofriam pela ausência de sentido para a vida "eram ativamente participantes no plano social, tinham boa situação acadêmica e tinham um bom relacionamento com todos os membros de suas famílias" (FRANKL,1989, p. 14).

[13] Ao longo das obras de Viktor Frankl é comum nos depararmos com a citação de vários outros autores, mais ou menos conhecidos do público em geral, sempre com a tentativa de legitimar algum argumento e/ou tese. Ocorre que o autor nem sempre costuma interpor a referência completa. Isso se deve, provavelmente, ao fato de a maioria das obras disponíveis em português tratar-se da reunião de palestras que originalmente foram realizadas como comunicação oral. A dificuldade de escrever é mencionada nalgumas oportunidades pelo próprio autor, segundo o qual preferia gravar algumas ideias antes de transcrevê-las (cf. FRANKL, 2010, p. 129). A consequência mais imediata disso é a constante menção de autores sem referência direta em nosso texto. Nesses casos, manteremos fidelidade ao que consta no texto de Frankl, atribuindo *apud*.

A psicanálise deu a conhecer ao mundo acadêmico/científico que a motivação primária do homem é a vontade de prazer. Em contrapartida, a psicologia individual defende que o princípio motivador existencial humano é o sentido de poder. Em contraste com esses dois princípios (prazer e poder), a logoterapia considera a vontade de sentido como a força motriz do homem (FRANKL, 2019, p. 41). Assim, pode-se entender que a *Vontade de Sentido* é a motivação básica do homem, do seu agir e do seu existir. Em outras palavras, a *Vontade de Sentido* é aquela realidade interior que busca sentido nas situações da vida, busca realizar propósitos. É o anseio primordial e a motivação genuína para as ações humanas.

Para o pensamento frankliano, então, a *Vontade de Sentido* ou o *desejo de sentido* é uma realidade da existência humana, o que está sendo cada vez mais confirmado e convalidado empiricamente, desde que Frankl cunhou o conceito, por diversos teóricos e pesquisadores que se utilizaram de testes e métodos estatísticos. As pesquisas mostraram que a *Vontade de Sentido* é, dentro da dinâmica da existência, uma necessidade particular e única da pessoa e, por assim, irredutível a quaisquer outras necessidades. Com isso, em todo homem, a vontade de sentido está presente em menor ou maior grau (FRANKL, 1989, p. 25) e o "anseio primordial" sempre estará em seu interior (AQUINO, 2014, p. 30).

Entender esse aspecto antropológico da *Vontade de Sentido* na vida é fundamental para que o homem não caia na doença noológica mais alastrada dos tempos atuais: o vazio existencial, isto é, a frustação existencial por não encontrar sentido na vida ou, como já mencionado, o mal de não ouvir o grito por sentido na existência (FRANKL, 2015, p. 11)[14]. O desejo de sentido é a maior das descobertas de Frankl, como ele mesmo postula:

> A lição que pude levar comigo de *Auschwitz* e *Dachau*: que os que se mostraram mais aptos a sobreviver, ainda mais em tais situações limites, foram aqueles que, reafirmo, estavam orientados para o futuro, para uma tarefa que os esperava mais adiante, para um sentido que desejavam realizar (FRANKL, 2015, p. 23).

Dessa maneira, o desejo de sentido está diretamente ligado aos desejos de viver, de ser feliz e de realização existencial. É justamente aqui que reside um perigo bastante comum na dinâmica humana da realização existencial, pois desfrutar a felicidade é consequência de uma pessoa que responde ao desejo de vontade na própria vida. Destarte, a felicidade e a realização existencial são frutos do desejo de sentido satisfeito, ou seja, não possuem fim em si mesmas, como bem disse Kant:

[14] Nessa obra, há pesquisas empíricas sobre o vazio existencial e sua vinculação com alcoolismo e suicídio. Vale a pena conferir.

"A felicidade é a consequência do cumprimento do dever" (KANT, 1797, apud. FRANKL, 1990, p. 11s).

Quanto mais o homem busca a felicidade, sem se preocupar com seu desejo de sentido, mais longe está dela, porque a liberdade e, concomitantemente, a felicidade são consequências da *Vontade de Sentido* sanada. Com isso, estava certo "Kierkegaard ao afirmar que a porta da felicidade se abre para fora e que, quando alguém tenta arrombá-la, não faz mais do que fechá-la" (FRANKL, 2015, p. 66). Justamente por isso que a norma da contemporaneidade "seja feliz" não vale para o homem, pois buscar a felicidade como meta seria o mesmo que incorrer em vazio existencial. A divisa da Logoterapia para os tempos atuais certamente é "satisfaça seu desejo de sentido e, assim, serás feliz". A partir desse feixe argumentativo sobre a vontade de sentido, entramos, por bem dizer, no terceiro e último pressuposto teórico da logoterapia, isto é: o *Sentido da Vida*.

O *Sentido da Vida* se baseia no entendimento de que a vida tem sentido incondicional. Sobre isso, Viktor Frankl argumenta: "O que se requer da pessoa [...] é, antes, suportar a incapacidade de captar em termos racionais o fato de que a vida tem um sentido incondicional" (FRANKL, 1984, p. 67). Esse pressuposto diz respeito à grande pergunta: A vida tem sentido? A resposta é: sim, incondicionalmente. O sentido está nas vivências concretas da vida e não pode ser tirado ou condicionado por nada. A vida tem sentido em todas as suas situações e momentos, ou seja, a "realidade sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação é irrepetível, segue-se que o sentido de um dada situação é único" (FRANKL, 1989, p. 31).

Por causa dessa singularidade e unicidade das situações concretas da existência, o sentido da vida não pode ser dado. O médico não pode receitar sentido duas vezes ao dia, o sentido também não pode ser produzido, mas, antes de tudo, *o sentido deve ser encontrado nas facticidade da existência. Cada ser humano responde sobre si na realização do sentido*, visto que a vida é irrepetível, bem como as vivências no mundo e os sentidos contidos nelas (cf. FRANKL, 2015, p. 24.Grifo nosso).

Por fim, outro elemento importantíssimo na logoterapia é a noção antropológica tridimensional. O pensamento de Viktor Frankl quebra a visão, até então vigente pela psicologia experimental e teorias comportamentais, de uma antropologia psicofísica (corpo e alma), pois insere a dimensão espiritual ou noológica da existência humana. Com relação a esse ponto, Frankl escreve:

> O homem é mais que o simples corpo, e alma; vimos que ela representa, no fim das contas, o espiritual. O homem é mais do que o organismo psicofísico: é pessoa espiritual. Nessa qualidade, é livre e responsável, livre "do" psicofísico e "para" a realização de valores e o preenchimento do sentido de sua existência. É um ser que luta para realizar valores e preencher o sentido da vida (FRANKL, 2019, p. 231).

A dimensão espiritual[15] é o modo de ser da pessoa que, dinamicamente, tende ao sentido (realidade objetiva), capacitando-a potencialmente a uma liberdade em face da existência (realidade subjetiva). Esse fato atribui autotranscendência e autodistanciamento[16] ao homem, a fim de que o indivíduo responda às indagações da vida e execute a "missionariedade" da existência, sua itinerância (FRANKL, 1992, p. 15).

De tal modo, a dimensão espiritual quebra a visão de que o homem seria um agregado ou uma soma de dimensões dando-lhes unidade. Constitui-se, assim, um modo de ser humano, um modo de ser espiritual. Não se pode pensar aqui que a dimensão espiritual seria um derivado das outras dimensões, como sugere a herança da psicoterapia. Em outras palavras, ela não é uma constituição biológica ou psíquica e, menos ainda, social, mas uma dimensão autônoma, sendo a verdadeira dimensão humana.

A relação da dimensão espiritual com as dimensões biológica e psicológica é salutar e precisa ser entendida, visto que a dimensão espiritual assegura a unidade das três dimensões em si. Contudo, existe uma hierarquia das dimensões no interior humano, isto é, entre as realidades espirituais e materiais (psicofísico) o espiritual tem "supremacia", haja vista que a composição do psicofísico é de natureza orgânica e material. Essa suposta supremacia do espiritual ante o material e o psicofísico permite ao homem se posicionar ou ter atitudes dele mesmo perante as realidades da vida. Eis o maior diferencial do ser humano: a possibilidade de tomar decisões. Desse modo, mesmo que, no âmbito material, o homem se assemelhe aos animais, possui em si a dimensão espiritual, que é a dimensão dos fenômenos especificamente humanos, ou seja, o modo de ser espiritual (FRANKL, 2019, p. 163), que dá ao homem a capacidade de autotranscendência e autodistanciamento.

Para explicar essa relação do espiritual com o material no interior humano, Viktor Frankl usa a analogia do artista com seu instrumento: caso o instrumento do artista esteja ruim, desafinado, a arte fica comprometida, mas isso não significa que ele perdeu seu talento. Isto é, seu potencial continua, porque a capacidade de tocar é dele e não do instrumento. O mesmo acontece com a dimensão espiritual que quer "utilizar" a realidade orgânica psicofísica para que aconteçam atos

[15] Dimensão espiritual, para Frankl, não é, necessariamente, o espiritual religioso, de uma realidade teológica ou de um mundo superior.

[16] Autotranscendência e autodistanciamento são sinônimos na logoterapia, designando aquela liberdade humana favorecida pelo espírito (dimensão noológica) de tomada de decisão em relação a si mesmo frente a uma realidade concreta que, por vezes, não pode ser mudada. Sobre isso, Frankl conta a história de um médico militar judeu que estava temeroso em uma guerra ao lado de um coronel alemão aristocrata. Eis que o coronel alemão disse ao judeu: "agora está com medo, não é? Percebe agora a superioridade da raça ariana sobre a judaica?" Ao que o médico respondeu: "Admito que estou com medo, mas se estivesse com tanto medo como eu estou, certamente, meu caro coronel, já teria saído correndo" (FRANKL, 2019, p. 234). Essa é a capacidade de autotranscendência e autodistanciamento dada pelo espírito frente certas realidades existenciais.

espirituais, ou seja, atos verdadeiramente humanos (FRANKL, 1992, p. 70). Ainda que o instrumento (realidade psicofísica) não esteja afinado para a dinâmica noológica, a potencialidade humana de atos espirituais, de fenômenos verdadeiramente humanos, sempre estará presente na estrutura antropológica da pessoa (FRANKL, 2019, p. 161). Posto isso, percebe-se que a dignidade humana, para a logoterapia, está fundada nos três pilares aqui expostos: *Liberdade de Vontade*, *Vontade de Sentido* e *Sentido da Vida*.

A seguir, expostos os pressupostos teóricos da logoterapia, adentrar-se-á nos meandros conceituais do sentido último da vida, ou melhor, do *supra sentido*, o qual perpassa e orienta o homem em sua itinerância.

2 O sentido último: o conceito limite

De posse dos pilares que sustentam a logoterapia, faz-se necessário abordar o conceito de *supra sentido*[17], já que, ao compreender que as realidades concretas possuem sentido por si próprias, pode-se questionar o lugar do sentido de tudo, o sentido último, na lógica da vivência humana. A partir desse questionamento, na obra "A Presença Ignorada de Deus", Frankl (1999) desenvolve a noção de *supra sentido*. Em um dado momento da obra, discursando sobre o sentido incondicional da vida em todas as situações concretas, inclusive no sofrimento, o logoterapeuta afirma:

> Ao iniciarmos nossa discussão sobre o sentido, na acepção da logoterapia, já mencionamos que o sentido se refere ao sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa igualmente concreta é confrontada. Além disso, existe logicamente um sentido último, mais amplo. [...] Trata-se do sentido do todo, do sentido da vida como um todo (FRANKL, 1992, p. 81).

A experiência do logoterapeuta de Viena aponta para uma realidade mais ampla e universal, como o sentido *do todo da vida*, de todos os sentidos concretos. Tal argumentação provoca mais um questionamento: qual seria a relação do sentido concreto de uma situação com o *supra sentido*? (cf. FRANKL, 2019, p. 293). Em outras palavras, como entender o cumprimento dos sentidos concretos da vida, no aqui e agora, com a ideia de *supra sentido*? Existe plausibilidade numa tal reflexão? E mais, há alguma maneira de acessar esse *supra sentido*?

Viktor Frankl responde a esses questionamentos com uma analogia bastante interessante sobre o filme. O filme é composto por várias partes e cenas, contendo, em cada uma delas, um sentindo para aquele que está assistindo. Contudo, o sentido final e absoluto só ficará claro para o espectador

[17] Nas obras de Frankl, também é chamado de "Supra Sentido", "Sentido Universal", "Sentido absoluto" e "Supersentido".

quando filme acabar, se, é claro, o espectador tiver prestado atenção, ou melhor, apreendido o sentido contido nas pequenas cenas ao longo do filme. Na existência humana, acontece da mesma maneira. Ao se referir ao sentido universal da vida e da existência, considera-se que ele será revelado no final, na medida em que, ao longo do caminho, o homem responder aos sentidos concretos da vida (FRANKL, 1992, p. 81).

O homem que procura saber a totalidade do sentido da existência tem que se deparar com a sua insuficiência diante da questão: "não se consegue dizer nada sobre o sentido do todo, exceto como conceito-limite no seguinte caso: 'O todo' não tem sentido, tem um 'supersentido' [...]. 'Significa repleto de sentido'" (FRANKL, 2019, p. 293). Aqui, a natureza humana esbarra em sua finitude. Logo, sua capacidade intelectiva se encontra limitada, como bem escreve Pascal: "Conhecemos a verdade não só pela razão" (PASCAL, 1979, p. 108).

Para explicar esse abismo da compreensão humana diante do *supra sentido*, Frankl faz uma inferência lógica do menor para o maior, e do maior para o todo:

> Se pretendemos agora determinar a relação da dimensão humana com a divina, ou seja, com a dimensão supra-humana, devemos então recorrer a um símbolo da proporção áurea. [...] o animal vive no ambiente da própria espécie, enquanto o homem "tem o mundo" (Max Scheler); mas o mundo humano se relaciona com o mundo sobrenatural, assim como o mundo animal se relaciona com o mundo humano. O que quer dizer: do mesmo modo que o animal não é capaz de entender, a partir de seu ambiente, o homem e o seu mundo, tampouco é possível o homem lançar um olhar no mundo superior (FRANKL, 2015, p. 86).

Tal inferência lógica "Ambiente animal ‣ Mundo humano ‣ Mundo Superior" pode ser ilustrada por uma analogia muito usada por Frankl em seus escritos e conferências. Imagine que um macaco esteja sofrendo com muitas agulhas dolorosas por partes dos cientistas que querem achar algum soro de vital importância para a saúde humana. Certamente, o macaco, por não ter acesso ao raciocínio lógico e teórico do homem e por sua própria limitação natural, nunca poderá entender o motivo real do seu sofrimento. Isso porque o mundo do homem para ele é inacessível, é uma realidade impenetrável (cf. FRANKL, 1992, p. 82).

Diante do exposto, "não seria, logo, concebível que haja uma outra dimensão possível, um mundo além do mundo do homem; um mundo onde o sentido último do sofrimento humano possa encontrar uma resposta?" (FRANKL, 2011, p. 180). Pois, assim como o macaco, também o homem, diante da realidade do *supra sentido*, não consegue atingir com totalidade o mundo superior, o outro mundo. É lógico que algo ou alguém exista, mas também é palpável a incapacidade de prová-lo. O homem, de tal modo, é incapaz de entender o *supra sentido*, porque, como aponta Frankl recordando

uma frase de Albert Einstein, "o mero pensamento não pode revelar-nos o mais alto dos propósitos" (FRANKL, 2011, p. 181).

Na mesma esteira interpretativa, é notório que, na logoterapia, as reflexões levantadas chegam, de fato, ao limite do conceito de *supra sentido*, donde não se pode avançar por meio da reflexão lógica. Mas, e agora? Para-se aí? Para tais demandas, Frankl responde: "O super sentido não precisa, aliás, de comprovação. Provar que ele existe decerto é impossível; é também, por outro lado, desnecessário" (FRANKL 2019, p. 294).

Provar a existência do *supra sentido* é desnecessário por uma questão que, na visão de Frankl, é bastante óbvia. A vida tem sentido nas situações concretas e reais, sofridas e alegres. Assim, se a vida tem sentido, não há a necessidade de provar o sentido que dá sentido a todas as coisas. À vista disso, é errônea a ideia de que o sentido da vida é suportar sua falta de sentido e enfrentar o absurdo da existência. Isso, insistimos, a despeito de que o sentido da vida também não possa ser compreendido e abarcado completamente. Portanto, faz parte da existência reconhecer seus limites racionais e encontrar sentido na fé, na crença, pois, aqui, "não basta dizer que a crença num surpersentido 'tem sentido', ela é sentido" (FRANKL, 2019, p. 294). É assim que, quiçá, chegamos ao ponto de intersecção entre Teologia e logoterapia, pelo que seguimos à terceira e última parte de nosso argumento.

3 Logoterapia que aponta para a Teologia

A crença é sentido. Essa constatação é a porta de entrada para se estabelecer uma interface entre logoterapia e teologia/religião cristã. Os escritos de Frankl estão recheados de conteúdo religioso, como é claramente perceptível em suas obras. Isso se deu, em primeiro lugar, pela influência do judaísmo herdado da família. Tal fato pode ser observado no seguinte trecho, que relata as impressões do logoterapeuta diante da morte do pai:

> Durante seu período de luto, minha mãe foi visitada pelo rabino checo Ferda, que conhecia bem meu pai. Eu estava presente quando Ferda, que a estava consolando, disse achar que meu pai tinha sido um *zaddik* – ou seja, um justo. Então eu tinha razão quando pressentia, ainda criança, que a justiça era uma das características de meu pai. Seu senso de justiça devia, porém, estar enraizado na fé da Justiça Divina. Pois, de outro modo, não é possível imaginar que as palavras que eu o ouvia repetir inúmeras vezes tivessem se transformado em seu lema pessoal: Como Deus quer, eu aceito (FRANKl, 2010, p. 23)[18].

[18] Há também uma suposição de que Frankl fosse da linhagem do Rei Davi por conta de sua genealogia materna (cf. FRANKL, 2010, p. 17).

A certeza de ser guiado por Deus, que tudo sabe, era a fonte da confiança do Sr. Frankl, o que o fazia aceitar todas as situações com empenho e heroísmo. Certamente esse foi um forte exemplo de fé para Viktor Frankl.

Contudo, o senso religioso em suas obras não decorre somente de uma herança familiar, mas também de um Viktor Frankl cientista-médico. Na vivência de sua vida como estudioso, Frankl compreendeu a força da fé e da crença na realização de sentido na existência humana. A religiosidade, no âmbito da psicoterapia logoterápica, sempre foi de uma valia imensurável, como ele mesmo afirma: "Um efeito colateral análogo é a inestimável contribuição que a religião pode trazer à saúde mental. Afinal, a religião provê o homem uma âncora espiritual, de um sentimento de segurança que ele não poderia encontrar em qualquer outro lugar" (FRANKL, 2011, p. 179).

À vista disso, é notória a importância da religião para o ser humano e sua busca de sentido. Diante disso, vale, então, perguntar: até que ponto a fé pode avançar no âmbito da psicoterapia? Certamente, apostar nessa aproximação não é, em hipótese nenhuma, uma tarefa fácil e simplória, exigindo cautela, respeito e colaboração de ambas as ciências. Tanto a Logoterapia quanto a teologia têm missões e objetivos diferentes, mas isso não significa que, para alcançar seus objetivos, uma não precise (ou possa dispor) da outra. Sendo assim, antes de estabelecer uma relação de aproximação e auxílio, é preciso saber qual é a finalidade de cada ciência, a fim de saber qual é o lugar de cada uma na vida do homem. No caso da psicoterapia, o seu alvo é a cura das almas e, no caso da teologia, seu alvo é a salvação das almas (FRANKL, 1992, p. 59). A religião não tem como objetivo primário uma preocupação "psico-higiênica". Pelo contrário, seus objetivos e suas convicções de fé, muitas vezes, causam incômodo, tensão e luta[19], o que não significa que não aconteça, de maneira intencional, no processo de salvação do homem, efeitos de higiene psicológica e reconciliações psicoterapêuticas.

Por esse ângulo, a fé se torna uma imensa âncora de estabilidade emocional e psíquica humana, sem citar os efeitos transcendentes da *Vida Eterna*, pois o homem se apoia no Absoluto, em Deus mesmo. Aqui, a pessoa religiosa alcança a saúde da alma como um efeito colateral da vivência da fé. Enquanto sua alma é salva, concomitantemente é curada (FRANKL, 1992, p. 59). Isso, num prisma psicoterápico, é de fundamental importância, pois justifica e legitima, por parte da logoterapia, o uso de conteúdo autenticamente religioso[20] para a reconciliação interna do paciente.

[19] Donde reportamos à conhecida passagem bíblica: "Pois querer o bem está ao meu alcance, não, porém, realizá-lo. Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero" (Rm 7,19).

[20] Na logoterapia, a religião autêntica é aquela que o homem abraça de maneira espontânea, não é aquela que nasce do proselitismo ou por coerção. Viktor Frankl faz a analogia com rir: ninguém pode mandar a outra pessoa rir, tem que ser espontâneo, isto é, ela precisa, ao menos, contar uma piada. O mesmo acontece com o amor, não se pode dizer para uma pessoa amar alguém. A religião tem o mesmo princípio (FRANKL, 1992, p. 55s). Outro fator que faz a vivência da

No que se refere à logoterapia, essa ciência, intencionalmente, tem por objetivo a higiene psíquica, a saúde mental e a cura da alma. Tudo isso por meio do sentido, por meio do significado das vivências concretas. Porém, como exposto anteriormente, há um sentido que a logoterapia não tem acesso, isto é, o *Supra sentido*, vez que não se encontra completamente acessível à razão, dependendo, por isso, do intermédio da fé.

> Eu diria que o sentido último – ou como prefiro chamar, o "superssentido" – não diz respeito a uma questão de conhecimento intelectual, *mas de fé*. Não conseguimos relacionar-nos com esse suprassentido em solo puramente racional, mas, apenas, em solo existencial, através do todo do nosso ser, isto é, por meio da fé. Mas quero argumentar que a fé num sentido último é precedida pela crença em um Ser último: pela crença em Deus (FRANKL, 2011, p. 181 – grifo nosso).

Aqui, explicitamente, percebe-se a vinculação do *supra sentido* com Deus e de como o acesso a essa realidade superior só é possível com a intermediação da fé. Deus, nessa perspectiva, é o sentido último de todos os sentidos concretos da vida cotidiana, o qual se alcança não pela razão, mas pela fé.

A fé é, portanto, a chave de acesso ao *supra sentido* e, por isso, a pessoa religiosa tem maior possibilidade de significação dos sentidos concretos. Essa é a "vantagem" do religioso sob o irreligioso: a facilidade, por meio da fé, de encontrar sentido para a vida pela via de acesso a Deus, que é o *supra sentido* ou sentido último. Isso se constata em diversos casos apresentados por Frankl em seus escritos. Recomenda-se ler o episódio da "senhora-pintora de meia-idade", que sofria de vazio existencial e de neurose fatalista. Ao final do tratamento dessa mulher, Frankl relata: "A nossa paciente consegue sentir Deus como se adquirisse um novo sentido além dos cinco. [...] 'o tratamento me levou a Deus. O abismo deixou de existir, o estar em Deus me sustenta, eu não posso cair. A vida revela ser maravilhosa, rica e cheia de possibilidades'" (FRANKL, 1976, p. 217s). É perceptível a contribuição da fé para a cura da alma, como efeito secundário, pois, certamente, o efeito primário foi o encontro dessa senhora com Deus. Desse modo, foi a sua experiência religiosa do encontro com Deus que deu sentido à existência como um todo e não apenas a cura das neuroses, como ela mesmo retratara: "a vida revela ser maravilhosa, rica e cheia de possibilidades".

Contudo, apesar da perceptível relação entre "ciência e religião", precisa-se de cautela ao se tratar o tema, pois as duas áreas precisam coexistir harmonicamente, sem macular uma à outra. Para

autêntica dentro do processo terapêutico é a verdade da fé, ou da vivência religiosa. Frankl explica citando Chandler Robbins: "O louvor religioso tranquiliza a mente. Mas ele não pode ser praticado intencionalmente com esse propósito, pois esse benesse só tem sentido como efeito colateral. Não cantamos um *Te Deum* ou um *Gloria Excelsis* no intuito de curar uma insônia ou na esperança de vencer a indigestão crônica. Cantamos nossos hinos, sim, para a glória de Deus" (FRANKL, 2011, p. 179).

isso, é importante estabelecer uma íntima relação entre ambas. Caso contrário, cairíamos em equívoco semelhante ao constatado por Einstein: "A ciência sem a religião é manca e a religião sem a ciência é cega" (FRANKL, 2019, p. 322). Entendendo o perigo desse desequilíbrio, fica clara a necessidade de existir um auxílio mútuo entre essas duas realidades (ciência e religião) ou dimensões (fé e razão). Sobre essa questão, a carta encíclica *Fides et Ratio* tange o assunto de maneira admirável. Ao tratar sobre fé e razão, o Papa João Paulo II elucida que tanto a razão quanto a fé têm a mesma origem e fonte: Deus. É justamente por isso que ambas apontam para o mesmo lugar. Fé e razão não se contrapõem, mas se complementam, como ensina a encíclica:

> Não há motivo para haver concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização [...] (FR 17). A fé não teme a razão, mas solicita-a e confia nela. Como a graça supõe a natureza e leva-a à perfeição, assim também a fé supõe e aperfeiçoa a razão. Esta, iluminada pela fé, fica liberta das fraquezas e limitações causadas pela desobediência do pecado, e recebe a força necessária para elevar-se até o conhecimento do mistério de Deus Uno e Trino (FR 43).

A fé vai aonde a razão não pode ir. Mas a fé somente pode ir por conta da razão que a sustenta com suas bases. Ou seja, a fé só pode ir tão longe porque no início foi "carregada" pela razão. É exatamente nessa perspectiva de colaboração mútua e complemento que a logoterapia se relaciona com a teologia. A logoterapia dá base humana ao homem religioso e esse mesmo homem é elevado a um encontro com o *supra sentido* da vida como um todo. Sendo assim, repudia-se aqui o sentido anacrônico e descontextualizado daquela famosa ideia de *ancilla theologiae* (escrava da Teologia), pois não é preciso ser escrava para servir (FRANKL, 1992), para auxiliar e cooperar com o caminho teológico do homem até Deus. Com efeito, ao fazer isso, o homem tem a alma curada.

Não obstante, a Logoterapia não quer invadir o espaço entre psicoterapia e religião, porque visa manter a fidelidade ao juramento de Hipócrates, auxiliando qualquer um que busque ajuda, independentemente da visão de mundo que possua. Ao contrário de outras psicoterapias, porém, a logoterapia deixa "a porta da religião aberta", ou até escancarada, à mercê da pessoa que pode entrar ou não. É somente o paciente que pode interpretar a sua própria responsabilidade diante da sua existência concreta (FRANKL, 2011) – o que envolve todas as dimensões de sua constituição, incluindo a fé. Posto isso, uma última palavra ainda fica: "E aquilo que nossos pacientes necessitam é uma fé incondicional num sentido incondicional" (FRANKL, 2011, p. 193).

Ora, tudo sugere que a Logoterapia quer devolver ao coração do homem a vivência real da religiosidade autêntica[21]. Para isso "é preciso começar por mostrar que a religião não é contrária à razão, [...] é venerável; torná-la respeitável e; em seguida, amável [...]. Venerável, *porque conheceu bem o homem*; amável, porque lhe promete o verdadeiro bem" (PASCAL, 1979, p. 83), ou seja, a posse, através da fé, do *supra sentido*, o próprio Deus.

Como se pôde notar pelo exposto, o pensamento frankliano parece entender bem sua área de atuação no campo da existência humana (fenômenos existenciais humanos). Apesar disso, a Logoterapia também percebe que esses mesmos fenômenos existenciais estão infinitamente além das ciências psicoterapêuticas. Assim, nem mesmo a logoterapia consegue abarcar ou abraçar totalmente seu alcance, curvando-se à sua amplidão. Essa é a grandeza da Logoterapia. Ela sabe até onde pode ir; sabe de sua limitação em perscrutar por completo todas as realidades vivenciais do homem, sobretudo no âmbito religioso. Mesmo assim, a logoterapia considera a religiosidade como algo intrínseco à natureza humana (FRANKL, 2011, p. 186) e, por isso, a fé tem, em seu sistema psicoterápico, um valor incomensurável no acesso ao sentido superior e aos sentidos concretos da vida.

Por outro lado, tratando-se do âmbito teológico e religioso, percebe-se, por vezes, uma vivência desumanizadora da fé e da reflexão teológica, influenciando o desempenho das ações autenticamente humanas nas comunidades eclesiais. Viver a fé não é negar o que é humano. Viver a fé autenticamente é ser humano na sua máxima profundidade. Isso porque ser religioso pertence ao homem, é uma de suas ações espirituais e, fenomenologicamente, um ato verdadeiramente humano[22]. Frankl explica:

> Que lugar ocupa a "graça" na logoterapia? Costumo responder que, um médico elabora uma prescrição ou realiza uma cirurgia, ele o tem que fazer com a máxima atenção possível, não devendo, no entanto, flertar com a noção de "graça". Quanto menos esse médico se preocupar com tal ideia, prestando atenção ao que está fazendo, tanto mais ele será um vínculo para a graça. Isto é, quanto mais humanos pudermos ser, mais facilmente nos tornaremos veículo para os propósitos divinos (FRANKL, 2011, p. 178).

É evidente que, na visão de Frankl, não há contradição em ser verdadeiramente humano (responder na vida aos sentidos e, assim, ter por satisfeita nossa dimensão noológica) e ser

[21] Lembrando, aqui, que a religiosidade autêntica para Frankl nasce de uma adesão espontânea à fé.
[22] Para mais impressões sobre a relação entre Frankl e a fenomenologia, ver o texto "Intencionalidade, sentido e autotranscendência: Viktor Frankl e a fenomenologia" (cf. MARTINS FILHO, 2019).

autenticamente religioso[23] (professar, na vida, uma fé explícita). Seria incoerente, segundo a argumentação elaborada até aqui, uma religiosidade, ou sistema de pensamento teológico, que promovesse uma fé aos aspectos humanos da pessoa como tal. Blaise Pascal consegue sintetizar esse pensamento de forma clara: "O homem não é anjo nem animal; e, por infelicidade, quem quer ser anjo é animal" (PASCAL, 1979, p. 125).

Nota-se que a humanidade da pessoa, na sua legítima forma, é caminho para uma religiosidade autêntica. Como mencionado, na perspectiva de Frankl, para o médico ser instrumento de graça na vida de seu paciente, deve apenas ser médico e, desse modo, estará servindo aos desígnios divino. Esse exemplo ilustra que o homem deve responder aos apelos de sentido da vida, podendo ser, por meio dessa resposta, instrumento da graça divina[24].

Por fim, retoma-se a frase de Einstein: "a ciência sem a religião é manca e a religião sem a ciência é cega" (FRANKL, 2019, p. 322). Acredita-se que o caminho para uma maior contribuição ao homem nos dias atuais não seja uma "ciência cega", que desconsidere um princípio fundamental e lógico: a religiosidade humana. Além do mais, uma religião que não se deixe nortear pela razão e por princípios humanos, achando que o fanatismo religioso, com nome de fé, possa dar todas as respostas para as questões do mundo, também não demonstra nenhuma utilidade à vida do homem. Aqui, portanto, vemos concluído nosso propósito de integrar duas dimensões distintas, embora, como vimos, completamente relacionadas: a logoterapia, que já deu um passo gigantesco em direção à fé e à religião, mostrando sua insuficiência em apreender o sentido como um todo, e a teologia, que se deixa valer de muitas ciências em sua estrutura teórica, mas que, agora, precisa se perguntar: "o que preciso aprender com a Logoterapia?".

Considerações finais

Certamente a Logoterapia, por si só, já é um ganho no ambiente psicoterápico, pois objetiva humanizar a psicologia. Porém, é um ganho ainda maior quando aponta para aquilo que é mais genuíno no ser humano, tão antigo quanto ele mesmo, a religiosidade. Para tal atitude, é preciso ter coragem e humildade.

[23] É tanto que, para Frankl, até as pessoas irreligiosas possuem uma religiosidade (cf. FRANKL, 1992). Em outra obra, ele esclarece: "Eu mesmo tenho testemunhado pacientes agnósticos, que, no leito de morte, sabendo da proximidade desta, demonstravam um sentido de se saberem guardados, sentindo esse que não conseguia explicação racional no campo de suas filosofias de vida irreligiosas. Tal explicação pode bem dizer respeito à hipótese assumida naquilo que eu chamaria de uma confiança primária num sentido último" (FRANKL, 2011, p. 186).

[24] Não se quer defender aqui uma fé absolutamente intramundana, desconsiderando completamente a ação da graça e do poder divino por intervenções extraordinárias, mas reafirmar que também a vida ordinária do humano é criação de Deus e é seu lugar de manifestação por excelência.

Viktor Frankl é corajoso em sua teoria, porque não teve medo de mergulhar nas questões existenciais humanas que lhe apareciam no cotidiano. Na verdade, é reconfortante saber que os pressupostos teóricos da logoterapia não foram elaboradas no conforto de um escritório frio e distante da realidade, mas, sim, testados no fogo, como testemunho da vida de um homem que viu pessoas em situações extremas de sofrimento, dor e morte. Apesar das situações inóspitas, na boca dessas mesmas pessoas, encontrava-se o "Pai-Nosso" ou o "Shemá-Israel" e essas orações as mantinham de cabeça erguia, caminhando para a vida ou para a morte (FRANKL, 1984). Estudar o sentido disso também exige bastante coragem.

É, porém, fundamental dizer que a Logoterapia também é bastante humilde. Humilde porque não quer ser aquilo que não pode ser para o homem, ou seja, diferente de muitas ciências, não tem a pretensão de responder todas as demandas da existência humana, reconhecendo conteúdos que estão muito além de seu alcance clínico. Na verdade, sabendo, pois, de sua finitude diante do *supra sentido*, a Logoterapia aponta e recomenta a religião como caminho de reposta a um sentido incondicional. Ela não tem medo de declarar o obstáculo que conclama ao auxílio da teologia, o que é honroso, visto que mostra sua faceta de serva, mas não de escrava e refém. É colaboradora do ser humano, para que esse encontre o sentido da vida e, quem sabe, deixe-se encontrar pelo *Supra sentido*.

Cabe, então, à Teologia e às instituições religiosas de modo geral aproveitarem essa grande aliada do ser humano em seu processo de descoberta de si e de abertura à realização junto aos demais, que é a Logoterapia. À vista disso, com conceitos fortes e resistentes, a Teologia pode colaborar com o encontro do homem com ele mesmo e com Deus, por meio do sentido da vida, a fim de que se dissipe a maior de todas as pandemias enfrentadas nos últimos tempos: O vazio existencial!

Referências

AQUINO, Thiago A. Avellar. *A presença ignorada de Deus na Obra de Viktor Frankl*. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA SAGRADA: Tradução oficial da CNBB. 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações para a utilização das Competências Psicológicas na Admissão e na Formação dos Candidatos ao Sacerdócio.* Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_orientamenti_po.html> Acesso: 10 jun. 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Conciliar *Optatam Totius* Sobre a Formação Sacerdotal. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html>. (Referenciado no texto pela sigla: OT). Acesso: 10 jun. 2021.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*: Estudo de sociologia. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANKL, E. Viktor. *A Presença Ignorada de Deus*. 2. Ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

_____, E. Viktor. *O que não está escrito nos meu livros. Memórias.* 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____, E. Viktor. *O sofrimento de uma vida sem sentido*: caminhos para encontrar a razão de viver. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____, E. Viktor. *O Sofrimento humano.* Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____, E. Viktor. *Psicoterapia e Sentido da Vida.* Fundamentos da logoterapia e Análise Existencial. 3. Ed. São Paulo: Quadrante, 1989b.

_____, E. *Viktor. Psicoterapia para Todos*. 1. Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____, E. Viktor. *Psicoterapia.* Uma casuística para os médicos.1. Ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.

_____, E. Viktor. *A Vontade de Sentido.* Fundamentos e aplicações da logoterapia. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2011.

_____, E. Viktor. *Busca de sentido.* 1984. Disponível em: . Acesso: 15 jun. 2021.

_____, E. Viktor. *Um Sentido Para a Vida*: Psicoterapia e Humanismo. 8 ed. São Paulo: Editora Santuário, 1989.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre Fé e Razão. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1998. (Referenciada no texto pela sigla: FR).

MARTINS FILHO, J. R. F. Intencionalidade, sentido e autotranscendência: Viktor Frankl e a fenomenologia. *Ekstasis – Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, v. 8, p. 21-37, 2019.

_____, J. R. F.; BONACCORSO, G. A centralidade do rito na experiência religiosa: uma entrevista a Giorgio Bonaccorso. *Caminhos*, v. 18, p. 1133-1164, 2020.

_____, J. R. F.; VELOSO, M. G. F. A religião como fonte de sentido nas poesias de “Seu Freitas”. *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 16, p. 73-92, 2021.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Recebido: 02/08/2021.
Aceito: 24/10/2021.